

SILVA, Josenias dos Santos. Parnaíba e o avesso da *belle époque*: cotidiano e pobreza (1930-1950). Teresina: Universidade Federal do Piauí. Dissertação de Mestrado em História, 2012. 121 págs.

Messias Araújo Cardozo¹

A importância do trabalho do professor Josenias para a história social de Parnaíba-PI é de difícil mensuração. A presente resenha de sua dissertação – ainda não publicada por motivos desconhecidos – busca instigar o leitor a ir direto à obra, sem intermediários. Escrita em três capítulos, o autor problematiza o período (1930-1950) da chamada “bela época”, analisando os discursos sobre este tempo “áureo”, sobretudo para a elite comercial enriquecida com a abertura econômica do extrativismo vegetal para exportação internacional, porém, focalizando os pobres que à margem da bela época, continuavam numa condição temporal sócio-econômica feia.

72

O capítulo um: “A CIDADE – Parnahyba Norte do Brasil” (SILVA, 2012, p. 17), que busca “[...] contextualizar historicamente a cidade de Parnaíba, situando mais especificamente o recorte tomado para a pesquisa” (SILVA, 2012, p. 15) é um texto legítimo do que poderíamos inserir dentro de uma história econômica e social. A marca principal é a mudança da economia pecuarista para o ciclo do extrativismo vegetal que foi decisivo segundo o autor para a integração econômica da cidade de Parnaíba (principal centro difusor por causa do uso do Rio Parnaíba), pois “o extrativismo vegetal deu novo sentido a economia piauiense a partir do uso efetivo do rio Parnaíba [...]” (SILVA, 2012, p. 19).

Entretanto, mais importante que esta mudança na base econômica que “[...] propiciou a entrada do Piauí na dinâmica das trocas materiais e simbólicas da modernidade” (SILVA, 2012, p. 25) foram às modificações sociais na superestrutura, como a navegação a vapor e o telégrafo, símbolos da modernização social e urbana. Era a *pax burguesa* das elites comerciais emergentes, as principais beneficiadas com a integração econômica em curso.

No tempo do progresso as coisas eram assim: “Para a elite econômica parnaibana, principalmente a partir da segunda década do século XX, as palavras ‘moderno’ e ‘progresso’ se tornaram verdadeiro fetiche [...]” (SILVA, 2012, p. 28). A modernidade enfeitiçara, entretanto, o autor salienta que a despeito das mudanças em curso desde fins dos oitocentos, “de fato, somente a partir da década de

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História da UESPI (Campus Alexandre Alves de Oliveira, 2016), foi bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES, subprojeto de História). E-mail: messias.histsocial@gmail.com

1930 é que Parnaíba sofreria mudanças substanciais em sua configuração urbana e arquitetônica” (SILVA, 2012, p. 30).

A Rua Grande e a Praça da Graça são símbolos das transformações arquitetônicas em curso, baseadas no novo ciclo econômico. Os novos hábitos, como o uso do “summer jacket”, “perfume francês”, a música transitando entre a “polca e a valsa” davam a tônica dos bailes realizados no Cassino 24 de Janeiro, onde o “sereno” (espaço de fora do local mas que permitia ver o interior) era uma “janela para a vida social parnaibana” (SILVA, 2012, p. 38). O carnaval no cassino também se fazia sob a égide do protagonismo da elite. O cinema também refletia os espaços demarcados socialmente, com os camarotes para os Campos Veras e Mendonças Clark². “Frequentar o cinema era *chic*” (SILVA, 2012, p. 41).

A despeito da forte influência da cultura britânica (como a presença da Casa Inglesa pode atestar), do whisky bebido nos sobrados e terraços, o revés da belle époque logo é desvendado pelo historiador, afinal: “Para o grosso da população o ‘espetáculo’ da belle époque praticamente não existiu” (SILVA, 2012, p. 44). Modernidade para os pobres da cidade “[...] foi muitas vezes apenas uma vaga notícia” (SILVA, 2012, p. 45). Não passou por lá...

Os estivadores e vigiais das casas de taipa dos bairros invadidos pela modernidade como o bairro Nova Parnaíba foram deslocados para as zonas periféricas. Não é contraditório? Todavia, o historiador diz: “Quero afirmar com isso que a produção da realidade é (e dever ser) contraditória” (SILVA, 2012, p. 45). Centro e margem, riqueza e pobreza, o historiador trabalha com maestria esta tensão dialética própria do processo histórico analisado.

No capítulo dois: “A VIDA - (sobre) vivências no cais e outras artes” (SILVA, 2012, p. 47), o historiador utilizando fontes variadas, da literatura aos memorialistas assim como análise iconográfica, narra as condições de vida dos “trabalhadores do rio” como ele mesmo nomeia a massa de estivadores, vareiros e etc., “[...] sondando o cotidiano do trabalho e do lazer no esplendor econômico da belle époque parnaibana; mais especificamente as relações entre o trabalho e a ‘vida noturna’, entre o movimento do cais e o da cama” (SILVA, 2012, p. 48).

Os trabalhadores do rio são compreendidos para além da dimensão unicamente material. Os trabalhadores da estiva, os vareiros, carregadores de água, na faina diária contra o Parnaíba são apreendidos em sua experiência cotidiana vivida à margem do fausto econômico (SILVA, 2012, p. 60). As meninas trabalhadoras na lavagem de roupas (muitas vezes para as famílias abastadas) também são capturadas pelo historiador assim como a algazarra juvenil dos jovens se refrescando no Parnaíba nos dias de calor.

À nossa análise, é na compreensão dos biscates, porcos d’água e mata-cachorros que reside o grande mérito do capítulo, aquilo que é singular nessa grande contribuição a história social de Parnaíba. “A paisagem e o barulho característico do cais mudavam drasticamente com a chegada da noite” (SILVA, 2012, p. 66), e a noite do cais, onde os trabalhadores do rio são apreendidos em seu lazer noturno, afinal “[...] o que nos interessa aqui é a noite enquanto lugar consagrado

² As famílias abastadas da cidade de Parnaíba-PI do período, que gozavam de prestígio social.

do desenrolar de conflitos, de amores tórridos, de práticas efetivamente ligadas ao lazer, à bebida e ao sexo” (SILVA, 2012, p. 67).

Na noite do cais, a caninha revigorante, o encontro dos biscates, “porcos d’água” e os “mata-cachorros”, respectivamente os que ganhavam a vida no cais, trabalhadores, embarcações e milicianos, em suas disputas e querelas marcam o texto de um tom de drama histórico cotidiano. O desfile das prostitutas, o frito de carne-de-porco e as fustras nos cabarés do Brasília, Bar do Gordo e Munguba engendravam a cena dos conflitos cotidianos noturnos num “[...] quiproquó dos infernos, onde sobravam além de nomes feios, muitas cabeças quebradas e prejuízos para os donos dos estabelecimentos” (SILVA, 2012, p. 71). Os porcos d’água com seus jucás (pedaços de madeira usados como arma), mesclando-se com os jovens da *high society* em busca do prazer. A violência é era um aspecto indiscutível da vida noturna desses trabalhadores (SILVA, 2012, p. 74).

O capítulo três: “A BEIRA – entre o cais e as borboletas” (SILVA, 2012, p. 76) é um ensaio primoroso onde a interpretação do contraste, do revés da belle époque parnaibana a partir, sobretudo do romance *Beira Rio Beira Vida* de Assis Brasil é realizada com uma capacidade singular (e pioneira no âmbito da historiografia parnaibana) de capturar o histórico dentro da escriturística literária. A cidade partida onde os trabalhadores do rio existem do “lado de fora”, longe dos palacetes à européia, no lugar da gente pobre de existência minúscula.

74

Especialmente a bela época parnaibana era também essencialmente segregadora, onde: “A cidade foi urbanizada dentro do perímetro central, sendo gerida para atender as necessidades de uma pequena elite que enxergou na pobreza um ‘perigo social que ameaçava pela sujeira e imoralidade’ (SILVA, 2012, p. 82). Os pobres deveriam ser mantidos à distância.

Ao tomar como fonte o romance “[...] na tentativa de enxergar como foi representada a pobreza na belle époque parnaibana a partir do viés literário” (SILVA, 2012, p. 87), Josenias aponta possibilidades de ler o real a partir da ficção, contornando a ausência de arquivos e a restrição de acesso a documentos históricos da cidade. Analisa a *obra-denúncia* de Assis, sua *literatura de revolta* para flagrar os pobres, afinal: “*Beira Rio Beira Vida* reproduz o abismo existente entre os pobres e os ricos da cidade de Parnaíba na sua belle époque” (SILVA, 2012, p. 94).

Os “ninguéns” que moram no cais (espaço antagônico da cidade dos comerciantes enriquecidos e moralistas, mas que desciam depois das 21 h para o “resto” enchendo os cabarés) emergem na cena histórica. Ninguéns como Luiza, Mundoca e Jessé, este último buscando ascensão social acaba morrendo tragicamente. Queria ser rico o caçador de borboletas. Queria sair da miséria da maioria antagônica e complementar da opulência da minoria. Sociedade que explorava-o mediante a violência e segregação espacial e cultural. Afinal, era a “[...] existência daquela gente um verdadeiro tormento” (SILVA, 2012, p. 96).

O movimentado cais, com os estivadores, embarcações, vareiros era pura efervescência. A prostituição que emerge de maneira contundente no romance (SILVA, 2012, p. 101) associa a noite da região a imagem também da violência. Até os cabarés tinham sua assimetria onde a “alta” e a “baixa sociedade” frequen-

tava de acordo com o local e o serviço corresponde ao seu lugar de classe e posição na hierarquia social da sociedade do período.

A cidade partida, habitada por alteridades negadas (SILVA, 2012, p. 106) era o símbolo do que a belle époque representou para a maioria. A presença da prostituta no território do desejo, nos “antros” denuncia as formas de viver de algumas mulheres se equilibrando na tensão entre a miséria e as condições mínimas de existir. Segregadas duplamente (material e moralmente), as prostitutas como “Evas Pecadoras”, alimentavam o amor pretensamente ilícito da noite do cais (SILVA, 2012, p. 109).

O ressentimento com resistência no espaço de revolta buscado pelo historiador foi um exercício singular de construção de uma historiografia que “[...] tentou minimamente dar conta de uma outra cidade que existia em contraste aquela do ‘Norte do Brasil’, e que era marcada pela pobreza, pelo estigma e pelo desequilíbrio nas relações de poder” (SILVA, 2012, p. 111). O essencial do ensaio como um todo, acredito, reside quando o autor aponta que: “A pobreza urbana foi pensada aqui como uma faceta da belle époque, mas em instante algum se buscou reduzir as possibilidades desses sujeitos de intervirem na sua própria realidade” (SILVA, 2012, p. 114).

Um único ponto falível foi se esquivar do conceito de classe. Mas isso foi mais, acredito, uma estratégia do que esquivar, afinal este conceito é problemático e para o objeto em questão até de discutível pertinência. Trabalhadores do rio deu conta. O conceito de ideologia ausente também poderia compor a crítica da dissertação, mas isso são pormenores. Os aspectos de rigor conceitual, manuseio de fontes, análise de discurso literário, de contextualizar em termos econômicos e políticos os pobres do cais, das margens nos anos 1930-50 em Parnaíba são os que melhor afirmam o valor da obra e o quanto ela auxilia na compreensão da história social de Parnaíba.

Uma cidade partida com seus Jessés comprimidos pela Belle Époque segregadora. As prostitutas da “corenta” em uma palavra: Pobreza. O historiador contrapõe a bela época com os pobres excluídos, vivendo lá fora da modernidade. Sem educação e possibilidades de ascensão, ressentidos e resistindo, agenciando suas artes de viver. Os pobres na obra entram na cena histórica de onde nunca estiveram ausentes.